

CONJUNTOS FUNCIONAIS: REFLEXÕES ACERCA DA RELAÇÃO AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM ESCOLAR

Maria Thaís de Oliveira Batista

Universidade Federal de Campina Grande – taholiveira.thais@gmail.com

Zildene Francisca Pereira

Universidade Federal de Campina Grande – denafran@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo objetiva discutir os estudos acerca da afetividade como facilitadora do processo de ensino-aprendizagem dos educandos, a partir de uma discussão dos conjuntos funcionais em Henri Wallon. Visamos, assim, compreender e problematizar a afetividade e os demais campos funcionais que constituem o sujeito em sua totalidade. Este trabalho nos convida a uma reflexão da teoria walloniana como eixo norteador do estudo dos conjuntos funcionais – afetividade, motricidade e cognição – e se ampara em uma pesquisa bibliográfica, pela qual compreendemos que existe uma significativa necessidade de estudos mais aprofundados da psicogenética walloniana e de suas relações com a educação infantil, seja nos cursos de formação de professores, bem como na prática dos profissionais da educação presentes no ambiente escolar. Compreende-se, assim, que a aprendizagem se dá a partir da integração de ambas as funções exercidas pelo sujeito – afetividade, motricidade e cognição – de modo que uma está implicada na outra e assim sucessivamente, preponderando de acordo com cada etapa de desenvolvimento. Diante disso, é papel do professor conhecer cada estágio que perpassa a evolução dos sujeitos, ao ponto que poderão melhor desenvolver as potencialidades dos seus educandos, fazendo com que ambos atribuam significado ao que é apreendido em sala de aula.

Palavras-chave: Conjuntos funcionais; Integração afetiva-cognitiva-motora; Aprendizagem.

Introdução

Os estudos em torno da importância da presença da afetividade na prática docente vêm se intensificando de forma mais satisfatória nos dias atuais se comparado há algum tempo atrás. O seu entendimento como relevante para o processo de constituição do sujeito e do seu conhecimento, tem ganhado destaque nas discussões atuais. A escola em meio às adversidades encontradas cotidianamente no seu seio, se vê em uma posição na qual necessita preocupar-se com as demais potencialidades do educando, que vai além do conjunto cognitivo, atrelando-se ao motor, psicológico, social e afetivo.

Pesquisas relacionadas à afetividade, na perspectiva walloniana, tem sido determinante na necessidade de uma maior discussão acerca da compreensão da

constituição do sujeito em sua totalidade, da relevância da presença do afeto nas relações professor-aluno na sala de aula e fora dela, e nas suas influências no processo de desenvolvimento cognitivo dos educandos.

Mahoney; Almeida (2004) defendem que a afetividade é uma forma de está no mundo, de ser afetado e de afetar as outras pessoas que estão a sua volta, pelo qual esse afeto pode está ligado a sensações agradáveis e desagradáveis. Esta forma de se estar no mundo está atrelado a outros três elementos que se referem a um tipo de evolução da afetividade, as quais se caracterizam em *emoção, sentimento e paixão*.

Wallon (1941/2007) ressalta que a afetividade tem papel imprescindível no desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, e na constituição do educando enquanto ser integral. O indivíduo em meio à afetividade como facilitadora do seu processo de ensino-aprendizagem, acessa o seu próprio mundo simbólico e desenvolve as suas habilidades cognitivas. O que fica claro na elaboração dos estágios de desenvolvimento do ser humano ressaltados pelo autor, nos quais se vê a presença tanto do conjunto cognitivo quanto do afetivo no processo de desenvolvimento dos sujeitos, de forma a predominar com mais ênfase um dos dois em cada estágio.

Vygostsky (1993) discorre sobre a necessidade de uma relação mais estreita e significativa entre afetividade e cognição, como forma de subsidiar no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Para ele é imprescindível considerar o processo de internalização dos sentimentos e emoções vividos e sentidos pelas crianças ao longo do seu desenvolvimento, que vão de alguma forma refletir nas suas práticas sociais e culturais diante da sociedade em que vivem.

Tendo em vista essas discussões, caberá aos professores conhecer os processos que integram o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões – afetiva, cognitiva e motora – para que assim, possam compreender e analisar os possíveis problemas dos seus alunos, bem como elaborar práticas pedagógicas que contemplem as particularidades e necessidades de cada um.

Sabendo disso, o objetivo deste artigo intitulado “campos funcionais: o que o professor precisa saber para relacionar afetividade e aprendizagem escolar” é discutir os estudos acerca da afetividade como facilitadora do processo de ensino-aprendizagem dos educandos, a partir de uma discussão dos conjuntos funcionais na psicogenética walloniana.

Visa-se a partir dessa abordagem compreender e problematizar a afetividade e os demais campos funcionais que constituem o sujeito em sua

totalidade. Sujeito esse que necessita de uma maior atenção no que diz respeito à grande importância a ser dada de forma congruente ao pleno desenvolvimento das suas potencialidades, sendo assim trabalhadas e compreendidas de modo significativo e acarretando em melhores resultados para o seu desenvolvimento.

Desde muito cedo as crianças se comunicam com seu entorno por meio de choro, espasmos, gestos e sinais particulares, tornando-se assim sujeitos funcionais que precisam ser compreendidos pelos pais ou responsáveis, para um atendimento imediato das suas necessidades fisiológicas, psicológicas e afetivas. Com isso, o seu desenvolvimento ocorre por meio de uma inter-relação entre a sua condição orgânica e sua condição enquanto sujeito social inserido numa determinada cultura, com costumes, valores e crenças particulares do seu grupo. Em meio a esta realidade, vê-se a necessidade de uma maior compreensão das concepções em torno da afetividade e sua epistemologia, o que requer, também, uma discussão dos demais conjuntos funcionais que compõe o que Wallon (1973/1975) chama de pessoa integral.

O termo afetividade ao longo dos tempos vem se mostrando bastante complexo, ao contrário do que muitos acreditam ser. Falar em afetividade e referir-se ao seu conceito não é algo simples, pois, essa até então simples palavra, envolve uma gama de discussões que necessitam ser refletidas e compreendidas para o pleno entendimento da sua significação. Para a autora Dér (2004, p. 61), de acordo com a teoria walloniana, a afetividade é “[...] um conjunto funcional que responde pelos estados de bem-estar e mal-estar quando o homem é atingido e afeta o mundo que o rodeia”. Afetividade nesse sentido é uma forma de estar no mundo, de sentir-se no mundo.

A afetividade em Wallon (1941/2007) é defendida como fundamental para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, pois, inicialmente ela tem o papel de auxiliar na comunicação do sujeito com o seu entorno, nas manifestações da criança com o mundo que a rodeia. Com isso, a afetividade tem função de mediar à relação da criança com o outro, e concomitantemente com o seu mundo simbólico, no qual posteriormente se dará o desenvolvimento cognitivo do sujeito.

Segundo Mahoney (2004), a afetividade se divide em outros três componentes – emoção, sentimento e paião – que se caracterizam de forma distintas um do outro. A *emoção* que é a externalização da afetividade, ela é orgânica, visceral, se caracteriza por ser efêmera e por ser a primeira forma do sujeito se comunicar com o mundo e com si mesmo. Para Wallon (1973/1975), a emoção é o primeiro vínculo existente entre os

sujeitos desde o nascimento. É através da emoção que os gestos das crianças ganham sentidos para os outros que os rodeiam.

Os *sentimentos* se apresentam como uma representação da afetividade, e tem como seu maior aspecto a linguagem, que o auxilia na construção da sua subjetividade. Por último temos a *paixão* entendida como certo silenciamento da emoção, e por apresentar grande ênfase em ciúmes e exigências exacerbadas, vivenciadas por crianças em diferentes espaços.

Ao compreendermos o conceito de afetividade e a sua implicação no desenvolvimento integral dos sujeitos, percebemos que diante disso não há cognição sem afetividade, pois, um complementa o outro, influenciando no desenvolvimento do sujeito e na construção da identidade. Sem o olhar atento e o cuidado que se deve ter com o processo de aprendizagem do outro, no caso o aluno, não há motivação para um aprender contínuo, para questionamentos, críticas, nem para o desenvolvimento das demais potencialidades.

Em relação a essa discussão, Oliveira (1992) discorre que o pensamento se origina da motivação, na qual se encontram presentes a necessidade do interesse, do impulso, do afeto e da emoção para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos. Desta forma, a afetividade exerce grande influência nesse desenvolvimento, de modo a estabelecer uma íntima relação entre esses dois conjuntos funcionais.

Wallon (1973/1975) nos mostra que em cada uma das fases de desenvolvimento humano, encontra-se a presença de aspectos cognitivos e afetivos, que se relacionam entre si de modo a alternarem e preponderarem de formas distintas. Discussão essa que veremos no tópico a seguir em torno dos conjuntos funcionais discutidos por Henri Wallon.

O sujeito integral em Henri Wallon: conjuntos funcionais

O ser humano é um sujeito que se desenvolve em sua totalidade, e na medida em que é considerado é também atrelada a sua formação os conjuntos funcionais que os constituem enquanto sujeitos integrais e seu processo de aprendizagem torna-se mais significativo e relevante para o exercício da sua cidadania. Diante disso, vê-se a necessidade de uma discussão crítica-reflexiva em torno da relevância dos professores considerarem em seus alunos um aprendizado que vá além do desenvolvimento de um único conjunto funcional, - no caso o *cognitivo*.

O teórico Henri Wallon (1873-1975) centrou sua pesquisa sobre a afetividade em torno do estudo conhecido como Psicogênese da pessoa completa,

que considera o indivíduo como sujeito integral, que necessita ser visto na sua totalidade, no que diz respeito ao pleno desenvolvimento de todas as suas potencialidades. O teórico discorre sobre a necessidade de um olhar não fragmentado sob o desenvolvimento do sujeito, trazendo ao seu estudo um caráter biológico e social, sem esquecer a relevância que atribuiu a emoção para o desenvolvimento humano.

Wallon (1975) compreende que o desenvolvimento do sujeito se dá por meio de estágios com características distintas que constituem o ser humano como integral. Tais estágios se dividem em impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial, puberdade-adolescência, até chegar a sua fase adulta. Esses estágios também podem ser vistos como conjuntos funcionais que se dividem em conjunto afetivo, motor, cognitivo e pessoa.

O autor enfatiza que o processo de ensino-aprendizagem dos educandos se dar por meio de uma integração em duas direções. A primeira diz respeito às relações que o indivíduo estabelece com o meio, na qual o outro é sujeito indispensável no seu desenvolvimento. Esse processo é chamado de integração organismo-meio, na qual se integra o potencial genético dos sujeitos com as relações que o mesmo irá estabelecer com o meio em está inserido. Uma integração da criança com o meio em que vive, de modo a estabelecer uma íntima relação dos fatores orgânicos e socioculturais que compõe os sujeitos.

Para o teórico, o outro deve ser considerado como de grande relevância para o desenvolvimento das potencialidades dos sujeitos, segundo ele

As primeiras relações utilitárias da criança não são as suas relações com o meio físico, que, quando aparecem, começam por ser lúdicas; são relações humanas, relações de compreensão, que tem como instrumento necessário meios de expressão, e é por isso que a criança, se não é naturalmente um membro consciente da sociedade, também não é um ser primitivo e totalmente orientado para a sociedade. (WALLON, 1973/1975, p.198)

Desta forma, o desenvolvimento dos sujeitos se dá no contexto o qual estão inseridos desde o nascimento, implicando, assim, com os seus fatores biológicos e sociais. A criança nessa perspectiva é estudada de acordo com o meio em que vive, o qual influencia significativamente o seu contínuo desenvolvimento ao longo da vida. Meio esse que segundo Mahoney e Almeida (2004), se dividem em três grandes categorias, que diferenciam os tipos de meios existentes. O primeiro diz respeito aos meios físico, químico, biológico e social.

Seguido pelo segundo, o qual se refere à espécie humana, na qual o meio social se superpõe ao meio físico. E por último, também, se tratando da espécie humana, o meio físico e espacial, o qual se refere às representações simbólicas. Para Prandini (2004, p. 26)

[...] compreender a constituição da pessoa como um processo que se integram organismo e meio significa reconhecer que o ser humano se desenvolve a partir do seu organismo, capaz de vir a ser homem, e que as funções potenciais do organismo surgem de acordo com as etapas biológicas de desenvolvimento e realizam-se de acordo com as circunstâncias que encontra no meio

O biológico e o social se entrelaçam nessa discussão, ao ponto de um não poder ser pensado independentemente do outro. Ambos devem ser vistos como pólos de um mesmo objetivo, o qual seria o desenvolvimento pleno das potencialidades do ser humano. Desta forma, um será complementar ao outro e não serão separados como muitos compreendem, e seu potencial genético irá depender das influências exercidas pelo meio em que vive, integrando, assim, o genótipo as condições do meio, que conseqüentemente dará origem ao seu fenótipo.

Wallon (1973/1975) enfatiza a necessidade de compreensão do funcionamento humano a partir de três conjuntos funcionais e indissociáveis entre si, e que é por meio da coesão do social com a dinâmica afetiva que a criança tem acesso ao pensamento, à linguagem. Aqui encontramos a outra forma de integração discutida pelo autor, a integração afetivo-cognitivo-motora, na qual ver o afeto, o motor, e a cognição do sujeito como inseparáveis na constituição do quarto conjunto funcional que ele chamou de pessoa, – que se caracteriza pela integração de ambos no processo de desenvolvimento do sujeito. De acordo com Prandini (2004, p. 30) “Os domínios funcionais, portanto, são constructos de que se lança mão para analisar o homem como objeto de estudo, por meio do agrupamento de funções em categorias, de acordo com suas características predominantes”.

Essa existência do desenvolvimento humano a partir de conjuntos funcionais é o que torna essa divisão em uma categorização dos principais aspectos que constituem o sujeito integral. É desta forma que o conceito de pessoa em Wallon (1975) deve ser compreendido.

O conjunto motor trata-se de uma combinação de todos os movimentos executados pelo corpo do sujeito, que o permite deslocar-se de acordo com o tempo e o espaço, de modo a expressar suas emoções e sentimentos, auxiliando, assim, no seu pleno equilíbrio. O

conjunto cognitivo é o campo que transforma em conhecimento todas as ações exercidas pelos sujeitos, auxilia e organiza as representações do vivido. O conjunto afetivo envolve os componentes do ato motor e cognitivo, e é onde estão presentes as emoções, os sentimentos e a paixão. Por último Wallon delimita outro conjunto funcional, a pessoa, o qual integra de diferentes formas os demais conjuntos na sua constituição.

A integração funcional na constituição da pessoa ocorre de forma alternada-preponderada. Prandini (2004, p. 35) nos relata que

[...] ao longo do desenvolvimento não acontece sempre sob uma única forma, mas que há alternância e preponderância entre eles, ou seja, nas atividades da pessoa as funções se exercitam conjuntamente sob preponderância de uma delas. Falar em preponderância significa considerar a participação das demais.

No decorrer do desenvolvimento do sujeito, há uma predominância alternada seja da afetividade, seja da cognição, sendo que em cada fase do desenvolvimento um desses conjuntos exercem um domínio maior sobre o sujeito, porém, sempre contando com a presença do outro conjunto. Desta forma, se pensarmos na afetividade como preponderante sobre a cognição em uma determinada fase do sujeito, percebemos que o mesmo está voltado para o seu interior, ou seja, para a construção do seu eu, o que Wallon (1975) chama de movimento centrípeto. Quando pensamos o contrário, na cognição preponderando sob a afetividade, vemos que o sujeito está voltado para o seu exterior, para o conhecimento advindo do mundo, das experiências e das relações que estabelece com o outro, formando assim o movimento centrífugo.

Desta forma, ora o interesse se volta para o interior, ou seja, para o conhecimento de si, ora para o exterior, para o conhecimento do mundo. Vale salientar que mesmo a dimensão motora não preponderando em nenhuma fase do desenvolvimento, ela exerce função imprescindível na constituição da pessoa, e se encontra presente em todas as etapas de desenvolvimento dos sujeitos.

Desta forma, os conjuntos funcionais aparecem como forma de entender o psiquismo, e explicar com clareza a constituição da pessoa. E a integração funcional como uma forma de estabelecer uma relação entre as funções exercidas pelo organismo, de modo a originar a constituição integral da pessoa, a qual integra todos os outros domínios funcionais existentes na evolução dos sujeitos.

Escola e família como contribuinte para o pleno desenvolvimento das potencialidades do educando

A afetividade perpassa toda a vida do sujeito, e exerce grande relevância diante das relações estabelecidas consigo e com meio em que vive. Diante disso o professor e a escola têm papel fundamental no desenvolvimento integral do educando. Cabe ao professor diante dessa realidade promover a importância da existência de boas relações no contexto escolar. Por ser um facilitador da aprendizagem e mediador na construção de conhecimentos e valores, deve ser aquele que possibilite situações em que o educando possa conhecer, discutir e firmar seus próprios valores, que serão assim socializados com os demais sujeitos.

A partir dessa prática o professor subsidia no educando a sua capacidade de desenvolver a sua subjetividade, construindo com isso a sua forma de ser, agir, pensar e se comportar diante das diversas situações. Sendo assim, a melhor forma do professor ensinar e compartilhar valores, é por meio da relação estabelecida com o contexto escolar e com os demais sujeitos que se fazem presentes nas relações interpessoais do seu cotidiano. Não se ensina sem estabelecer uma relação entre o contexto escolar e as relações interpessoais que se fazem presentes no nosso dia-a-dia, pois, a educação é o resultado dessa relação, e com isso compreende-se que nada se cria do nada, mas sim das relações que estabelecemos com o meio. Referindo-se a essas relações Sérgio Leite (2006, p. 18) relata que

A qualidade da relação que se estabelece entre sujeito-objeto é também de natureza afetiva e depende da qualidade das histórias de mediações vivenciadas pelos sujeitos em relação ao objeto, no seu ambiente cultural, durante sua história de vida.

A escola e o professor devem respeitar todas as fases de desenvolvimento dos sujeitos e compreender o aluno como um sujeito integral que precisa ter as suas necessidades atendidas. Para isso, o professor deve rever cotidianamente a sua prática e adequar à realidade da sala de aula, na qual estará presentes uma gama de sujeitos diferentes uns dos outros, que necessitam ser assistidos e compreendidos nas mais diferentes situações do dia-a-dia.

Prandini (2004, p. 43) discorre que é dever do professor “[...] reconhecer as condições de seus alunos, em especial seus afetos, seus desejos, a fim de procurar canalizá-los para que colaborem na produção do conhecimento”. Uma boa relação dos

sujeitos que fazem parte do cenário educativo é imprescindível para transformar o ambiente escolar em um local agradável e que esteja favorável para o pleno desenvolvimento da aprendizagem dos educandos.

Segundo Freire (1983), em todo ato educacional deve estar presente o amor. Amor esse que fica explícito por meio de uma busca por uma interação com todos os sujeitos do cenário educacional, de forma a subsidiar com o diálogo, na aprendizagem dos educandos.

Em meio a isso é de total relevância que o professor fique atento às expressões afetivas dos seus educandos, pois, muitas vezes esses podem se comunicar por meio de tais expressões seja por diferentes gestos, ou determinados comportamentos. Com isso, o professor irá além de um trabalho que vise, apenas, o desenvolvimento cognitivo do sujeito, mas também irá atuar e desenvolver a sua dimensão afetiva e motora, subsidiando, assim, no desenvolvimento do sujeito integral. Em relação a esse conhecimento Galvão (2008, p. 104) enfatiza que

Quanto maior clareza que o professor tiver dos fatores que provocam os conflitos, mais possibilidade terá de controlar a manifestação de suas reações emocionais e, em consequência encontrar caminhos para solucioná-los.

Ao referir-se ao ambiente da sala de aula, principalmente infantil, percebemos que esse é um local em que está centrado todo tipo de emoção para qualquer lado que se olhe. Sujeitos que necessitam de afeto, que desejam inúmeras coisas, e que vêm na escola uma alternativa para suprirem tais desejos e carências, muitas vezes, do seu próprio ambiente familiar. Saltini (2008, p.98) afirma que

O educador sensível é aquele que questiona suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade, verbalizando uma realidade vista a seu modo (criança), com as suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas.

Podemos afirmar que é por meio de uma interação afetiva do educando com o professor e com os demais colegas de sala, que surgirá o diálogo, no qual o sujeito irá desenvolver seu intelecto por meio dessas interações. De acordo com Almeida (2005, p. 103) podemos perceber que

A sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam, e a infância é a fase emocional por excelência. Como em qualquer outro meio social, existem diferenças, conflitos e situações que provocam os mais variados tipos de emoção. E, como é impossível viver num mundo sem emoções, ao professor cabe administrá-las, coordená-las. É imprescindível uma atitude corticalizada, isto é, racional, para poder interagir com os alunos, buscando descobrir seus motivos e compreendê-los. O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis.

A família não está isenta dessa responsabilidade de educar uma criança de forma integral nos dias atuais, pois, o primeiro contato da criança com a educação se dá no seu ambiente familiar, de modo que estabelecem ou não relações afetivas com seus responsáveis, as quais irão refletir significativamente no seu desenvolvimento cognitivo na escola. É por meio das primeiras relações com o outro, que a criança vai conhecendo o seu mundo simbólico, e conseqüentemente melhor se desenvolvendo em relação ao seu conjunto cognitivo. Com isso, é papel da família subsidiar na socialização dos sujeitos, ajudando-os a estabelecer vínculos harmoniosos desde cedo, e a conhecerem a linguagem principal a ser encontrada no seio familiar: a afetividade.

Desta forma, a escola e a família como instituições complementares, assumem a responsabilidade de promover aos sujeitos, espaços para que possam evoluir cotidianamente como seres humanos, estabelecendo vínculos afetivos nas mais diferentes situações, pois, os educandos se interessarão pelo ambiente escolar quando perceberem que realmente são bem vindos, que são queridos nesse local, que tem pessoas que se preocupam com o seu desenvolvimento integral, e isso se dará por meio da afetividade, que subsidiará, assim, na construção de um sujeito psicologicamente saudável.

Todas as relações do ser humano, sejam elas familiares, escolares, profissionais ou pessoais, devem ser permeadas pela afetividade. Ao ponto que desta forma, as relações estabelecidas entre educador e educando influenciam no desenvolvimento de aprendizagem e de descoberta do sujeito, pela qual a criança desenvolverá sua visão de mundo, e terá acesso ao seu mundo simbólico a partir dos sentimentos e emoções vividos nas relações que estabelece ao longo da vida, fazendo, assim, com que o afeto seja a chave para a existência de uma boa e significativa educação.

O olhar e a escuta do professor em meio à formação integral dos sujeitos é necessário e imprescindível para o pleno desenvolvimento das suas

potencialidades, pois, a partir de um olhar mais atencioso e reflexivo sobre tais sujeitos e sobre a sua própria prática, o professor poderá suprir as particularidades, necessidades, dificuldades e expectativas dos alunos em relação a escola e a sua função social, realizando, assim, um trabalho que vise uma boa qualidade nas relações estabelecidas entre professor-aluno-conhecimento.

Compreende-se, assim, que a aprendizagem se dá a partir da integração de ambas as funções exercidas pelo sujeito – *afetividade, motricidade e cognição* – de modo que uma está implicada na outra e assim sucessivamente, preponderando de acordo com cada etapa de desenvolvimento. Diante disso, é papel do professor conhecer cada estágio que perpassa a evolução dos sujeitos, ao ponto que poderão melhor desenvolver as potencialidades dos seus educandos, fazendo com que ambos atribuam significado ao que é apreendido em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

DÉR, L. C. S. A constituição da pessoa: dimensão afetiva. In: Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, Coleção Educação e Comunicação, v.1, 183.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 18 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LEITE, S. A. S. Afetividade e práticas pedagógicas. In _____ (org). **Afetividade e práticas pedagógicas**. 1ª edição, São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

MAHONEY, A. A. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OLIVEIRA, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1992.

PRANDINI, R. C. A. R. A constituição da pessoa: integração funcional. In: Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. (Orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1973/ 1975.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1941/2007.